

Gilberto Vieira, Presidente da Associação de Turismo Rural

“Basicamente não há clientes; são precisos mais apoios para evitar falências”

Gilberto Vieira é o Presidente das Casas Açorianas - Associação de Turismo em Espaço Rural e proprietário de uma das maiores unidades deste segmento, a Quinta do Martelo, na ilha Terceira, premiada internacionalmente. Gilberto Vieira, um dos maiores impulsionadores deste tipo de turismo e um dos maiores conhecedores do sector na Região, fala-nos do presente e das expectativas para a nova época turística em tempo de pandemia.

Enquanto Presidente das Casas Açorianas, como avalia a situação presente do turismo rural na nossa região?

A situação é, obviamente, de estranhamento profundo da actividade. Passa-se no turismo rural como em todas as outras vertentes que compõem este sector económico. Basicamente, não há clientes.

Há quem diga que este será mais um ano perdido para o sector. Mesmo com uma maior abertura que se vislumbra e a possibilidade de termos algum turismo este ano, acha que todos se aguentarão ou muitos vão ficar pelo caminho?

Não é fácil fazer, com honestidade, uma projecção daquilo que poderá ser o movimento turístico neste ano. É plausível algum aumento de procura, se compararmos com o ano passado, fruto de uma maior confiança (ou de uma menor desconfiança) face ao desenvolvimento da pandemia da Covid-19.

Poderá perspectivar-se alguma retoma, eventualmente nos meses de Verão, mas, por enquanto, as reservas ainda não refletem essa possibilidade.

Mesmo nesse contexto, não há garantias de que seja o suficiente para evitar falências, se não houver um apoio consistente, devidamente planeado, por parte do Governo.

Os apoios ao sector têm sido suficientes e rápidos ou há muitas queixas por parte dos empresários do turismo rural?

É justo reconhecer que o esforço que foi feito, numa situação completamente anómala e inesperada, para dar resposta às necessidades que a pandemia causou, de forma devastadora, nomeadamente no que ao turismo diz respeito.

Mas, na verdade, esses apoios não são suficientes nem têm sido disponibilizados de forma célere. São necessários novos apoios e um planeamento eficaz para a sua rápida disponibilização.

Alguém poderá dizer que é insistir na subsidiodependência, mas, pelo contrário, trata-se de casos específicos de sobrevivência. E a sobrevivência de que falo não é de casos particulares e isolados, mas de um conjunto que é essencial para a afirmação dos Açores enquanto destino turístico de características especiais.

O turismo, no futuro, não será o mesmo antes da pandemia?

Há várias perspectivas para abordar



esta questão.

Se, por um lado, o confinamento à escala global pode potenciar um desejo profundo de viajar já a curto prazo, por outro, as preocupações com aspectos relacionados com a saúde estarão presentes por muito tempo.

Nesse contexto é bom ser rigoroso na análise daquilo que procuram e exigem, de forma a dar uma resposta cabal, face à nova realidade.

O que é que tem de ser feito para voltarmos ao 'boom' turístico anterior, se é que é possível recuperar?

Creio que, nesta nova realidade, os Açores até poderão beneficiar significativamente e aumentar a atractividade de que já usufruíam antes da pandemia, fruto de um longo trabalho de promoção, com altos e baixos, mas com resultados palpáveis que todos nós conhecemos.

Com o previsível aumento da procura, poderá haver a tentação de se pensar que é um dado adquirido que, na Região, não só se vai poder recuperar os níveis de antes da Covid-19, mas até crescer, em função do aumento de viajantes.

Creio que temos que evitar essa tentação, uma vez que, com a retoma e eventual aumento dos fluxos turísticos, milhares de destinos em todo o mundo vão intensificar esforços para captar turistas de diversos mercados.

Ora, na minha opinião, o maior erro que os Açores podem cometer é desvalorizar essa realidade, ficar na miragem de que a visibilidade do destino está conquistada e funciona por si própria.

Por isso, defendo um reforço devidamente estruturado da promoção daquilo que nos distingue de tantos outros destinos no mundo, com especial ênfase para o que já provou ser a principal âncora dessa diferenciação, isto é, o turismo rural e de natureza.

No seu caso concreto, com uma unidade de turismo rural que é pioneira nos Açores, premiada várias vezes, como se recupera todas as características que havia anteriormente?

Usando uma expressão popular, “fizemos das tripas coração” para evitar o encerramento desta unidade. Fizemo-lo porque nos anima a mesma paixão com que iniciamos o projecto há mais de trinta anos. É um negócio, sim, mas é muito mais do que isso: é o prazer imenso de proporcionar experiências colhidas de séculos de modos de vida com que o povo açoriano moldou uma identidade que ajudamos a trazer ao presente, para usufruto de tudo o que isso representa em termos culturais, nas suas diversas vertentes, sempre numa tentativa de respeitar ao pormenor todos os elementos dessa riquíssima herança.

E é a extrema recompensa de ouvir e ler opiniões de reconhecimento por todo este trabalho.

Durante este “ano sabático” extremamente exigente, não baixámos os braços, aprimorámos espaços, aproveitámos para recolher novos materiais de promoção e para a optimização do plano de funcionamento de todas as nossas unidades. Foi um esforço, sobretudo, fi-

nanceiro assinalável, mas foi a forma que encontramos de não deixar cair (ou pelo menos, descair) o que, ao longo dos anos nos vem distinguindo.

O que espera da nova governação no sector do turismo?

Ao longo do meu percurso na actividade turística, tive oportunidade de dar opiniões públicas ou em particular sobre o que eu pensava para o desenvolvimento do fenómeno turístico dos Açores.

Algumas terão tido valia, outras não, mas fui sempre motivado por tentar colaborar para o desenvolvimento do sector. Foi assim enquanto agente de viagens, foi assim enquanto proprietário de uma unidade de turismo rural, foi da mesma forma enquanto responsável pela Mesa de Turismo da Câmara do Comércio ou como um dos impulsionadores das Casas Açorianas - Associação de Turismo em Espaço Rural.

Em todas estas funções, tive oportunidade de contactar e de discutir ideias com imensos responsáveis políticos, ao longo de mais de quarenta anos. Uns mostraram-se mais receptivos a uma ou outra das minhas modestas (mas sinceras) opiniões, outros menos ou nada.

Respondendo mais concretamente à pergunta, parece-me natural que, após trabalho de eventual mérito desenvolvido por uma determinada equipa, é sempre possível esperar-se uma evolução positiva quando outra equipa assume funções com ideias novas a acrescentar ao trabalho anteriormente desenvolvido. E isto não se aplica exclusivamente a mudanças de partido que assume a governação: pode acontecer no seio de uma remodelação da pasta, num Governo com o mesmo suporte parlamentar.

Por isso, o que espero deste Governo e da equipa que assumiu a responsabilidade do sector turístico é um bom trabalho, com ideias arrojadas tanto quanto necessário, para enfrentar todos os desafios que se colocam à actividade, num contexto que continua a ser desafiante, mas com uma visão proactiva que permita uma recuperação do turismo nos Açores, no prazo mais curto possível. E isso exige trabalho concreto de imediato.

Da minha parte e das Casas Açorianas manifesto, desde já, total disponibilidade para colaborar em tudo o que possa ser entendido de interesse para a continuação do desenvolvimento da actividade turística na nossa Região.